

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT05.015](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT05.015)

PROCESSOS (AUTO)FORMATIVOS DO SER E TORNAR-SE TRADUTORES- INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO CAMPUS CARAÚBAS-RN

GLAEDES PONTE DE CARVALHO SOUSA

Mestra pelo Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, glaedeslibras@gmail.com;

THIAGO DA SILVA PAIVA

Mestrando do Curso de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, thiago.eesp@gmail.com;

CARLOS ANTONIO DE SOUSA JUNIOR

Graduando do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido- UFERSA, carlostilsjob@gmail.com;

MIFRA ANGÉLICA CHAVES DA COSTA

Mestra pelo Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, mifra@ufersa.edu.br;

RESUMO

O tradutor e intérprete de Libras é o profissional com competência para realizar de maneira simultânea ou consecutiva a interpretação da Libras para a língua portuguesa e da língua portuguesa para a Libras. É um profissional que atua em diferentes contextos comunicativos. Apesar de serem muitas as possibilidades de atuação, o contexto educacional é a área de maior atuação do tradutor/intérprete de Libras. O objetivo do artigo é analisar como ocorrem os processos (auto)formativos do ser e tornar-se tradutor-intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) no campus, localizado no município de Caraúbas, pertencente ao estado do Rio Grande do Norte. A pesquisa é de abordagem qualitativa e utiliza

o método (auto)biográfico, pois a partir das narrativas autobiográficas, os sujeitos narram sobre si e os outros. Os sujeitos da pesquisa são três tradutores-intérpretes de Libras. O lócus da investigação é a Universidade Federal Rural do Semi-Árido do Campus Caraúbas-RN. Os autores que embasam este estudo são: Foucault (1992) sobre a escrita de si enquanto transformação do sujeito. Josso (2010) que nos traz as narrativas de vida e da construção da identidade Santos (2006) que aborda as questões de formação do tradutor Intérprete de Libras e Nascimento (2016) que discute sobre o ato interpretativo. Pretende-se refletir como é constituída a formação identitária do tradutor-intérprete de LIBRAS, a fim de conhecer a formação inicial e continuada, as experiências pessoais e laborais relevantes para a construção da identidade desse profissional, o qual possui papel fundante para assegurar o direito linguístico do surdo em diversos espaços sociais.

Palavras-chave: Intérpretes de Libras, Narrativas autobiográficas, Formação, autoformação.

INTRODUÇÃO

O tradutor e intérprete de Libras é o profissional com competência para realizar de maneira simultânea ou consecutiva a interpretação da Libras (Língua Brasileira de Sinais) para a língua portuguesa e da língua portuguesa para a Libras. É um profissional que atua em diferentes contextos comunicativos. Apesar de serem muitas as possibilidades de atuação, o contexto educacional é a área de maior atuação do tradutor/intérprete de Libras.

O reconhecimento da profissão dos tradutores intérpretes de Libras pela Lei 12.319 de 1º de setembro de 2012 trouxe além de uma segurança para os profissionais que trabalhavam sem ter um documento norteador de sua profissão, um entendimento do papel e da importância do tradutor intérprete de Libras nos espaços sociais.

Recentemente a lei 14.704/2023 foi sancionada, o texto altera a Lei 12.319, de 2010 incluindo a função do guia-intérprete, jornada de seis horas diárias e trinta horas semanais de trabalho e determina o trabalho com revezamento caso o período seja superior a uma hora de duração. Esta lei sem dúvidas trouxe uma sensação de reconhecimento dos profissionais tradutores intérpretes de Libras depois de grandes mobilizações da categoria por melhorias de trabalho.

Os discursos dos profissionais tradutores intérpretes de Libras envolvem questões de leis e direitos devido ao contexto histórico em que estes profissionais estão inseridos e a busca pelo reconhecimento da profissão. Muitos dos intérpretes que hoje atuam profissionalmente se inseriram na profissão despretensiosamente e tornaram-se intérpretes pela necessidade dos surdos em se comunicar em uma época em que não se tinha cursos de formação de tradutores intérpretes de Libras ou mesmo cursos de Letras Libras.

Nossa motivação em fazer esta pesquisa se deu pelo fato de tentarmos compreender como estes profissionais se tornaram intérpretes ao longo deste período em que a própria profissão estava sendo discutida e normatizada e como se dá o processo (auto)formativo tendo em vista a falta de cursos específicos na área.

Acreditamos que esta pesquisa contribuirá para para que tenhamos uma dimensão do que deu certo e que podemos continuar fazendo enquanto tradutores intérpretes de Libras e o que não deu certo para que possamos mudar e melhorar nossa atuação profissional. Também servirá como reflexão sobre nossa própria

história a partir dos relatos de vida aqui investigados e como a experiências de vida e formação nos constituem enquanto intérpretes de Libras.

Para o contexto acadêmico poderá servir como base propulsora para novos estudos sobre narrativas autobiográficas de profissionais tradutores intérpretes de Libras tendo em vista a carência de estudos neste viés contribuindo assim para que cada vez mais pesquisadores tenham um olhar para as histórias de vida destes profissionais.

Acreditamos que esta pesquisa tenha uma relevância social quando coloca a (auto)formação dos tradutores intérpretes de Libras como um aspecto crucial na constituição deste profissional o qual está hoje ganhando espaços consideráveis nos mais diversos lugares em nossa sociedade, trazendo assim benefícios não só para a comunidade surda mas também para todas as pessoas no que diz respeito ao direito à comunicação e participação em espaços sociais que tenham surdos e ouvintes.

O objetivo do artigo é analisar como ocorrem os processos (auto)formativos do ser e tornar-se tradutor-intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) no campus, localizado no município de Caraúbas, pertencente ao estado do Rio Grande do Norte. A pesquisa é de abordagem qualitativa e utiliza o método (auto)biográfico, pois a partir das narrativas autobiográficas, os sujeitos narram sobre si e os outros.

É vital para a formação do tradutor intérprete de Libras Língua Portuguesa ou vice-versa conhecer as línguas que estão envolvidas no seu trabalho, muito além do que apenas interpretar se faz necessário um esforço tanto físico como psíquico. O profissional precisa buscar novos conhecimentos, novas técnicas para atuação, no entanto as formações que atualmente são dadas para este público muitas vezes não condiz com as necessidades reais, pois além de conhecer a língua que está sendo envolvida, conforme encontramos.

Segundo o Livro O Tradutor Intérprete de Língua de Sinais, MEC; SEESP (2004, p. 26) interpretar “envolve um ato cognitivo-linguístico, ou seja, é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes.” Eis aí a responsabilidade que esses profissionais têm em estabelecer uma comunicação clara entre o enunciador e o receptor da mensagem em Libras. “Estamos certos de que a formação adequada de professores intérpretes contribuirá para a melhoria do atendimento e do respeito

à diversidade linguística e sociocultural dos alunos surdos de nosso país.” (MEC; SEESP 2004, p. 27) sobre as modalidades de interpretação o livro descreve:

A interpretação sempre envolve as línguas faladas/ sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais. Vale destacar que o termo tradutor é usado de forma mais generalizada e inclui o termo interpretação (MEC; SEESP 2004)

Entender as modalidades de interpretação é de suma importância para os profissionais tradutores intérpretes de Libras mas além de entender o ato interpretativo é fundamental compreender o papel social que estes exercem.

Entender o papel dos tradutores intérpretes de Libras no meio educação é importante tanto para o público que necessita deste profissional quanto dos próprios tradutores intérpretes que por muito tempo ficaram sem legislação específica ou sem normatização da profissão, portanto sem entender sua própria constituição profissional.

Tendo todos esses conhecimentos com base para nossa pesquisa, fizemos análises. Das formações dos tradutores intérpretes que usaremos na nossa pesquisa, sendo estes os sujeitos da pesquisa. 03 (três) tradutores-intérpretes de Libras. O lócus da investigação é a Universidade Federal Rural do Semi-Árido do Campus Caraúbas-RN. Os autores que embasam este estudo são: Foucault (1992) sobre a escrita de si enquanto transformação do sujeito. Josso (2010) que nos traz as narrativas de vida e da construção da identidade Santos (2006) que aborda as questões de formação do tradutor Intérprete de Libras e Nascimento (2016) que discute sobre o ato interpretativo.

O artigo está dividido da seguinte forma: Introdução, Libras: a língua oficial da comunidade surda brasileira, Caminhos para a Profissão do Tradutor-intérprete de Língua Brasileira de Sinais, (Auto)biografia de Tradutores-intérpretes de Língua Brasileira de Sinais da Ufersa campus Caraúbas-RN e Considerações.

LIBRAS: A LÍNGUA OFICIAL DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA

Em qualquer lugar em que haja surdos interagindo, haverá língua de sinais. (GESSER, 2009, p.12). Apesar de a língua de sinais ser a língua natural do povo surdo

e isso incluir os surdos do mundo todo ela não é universal, cada país possui sua própria língua de sinais. Libras é a sigla para Língua Brasileira de Sinais, uma língua visual motora que se diferencia das línguas orais pela sua modalidade, esta possui os aspectos fundamentais para a constituição de uma língua, como: semântica, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, sua gramática é tão complexa como as línguas orais e independe de uma língua falada para existir.

A Língua Brasileira de Sinais - Libras, teve influência da língua francesa de sinais visto que foi através de um professor surdo francês chamado Ernest Huet em 1855 com o apoio do Imperador Dom Pedro II que o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) foi fundado.(GESSER, 2009, p.37). A partir da criação do INES e dos surdos que vinham de todas as partes do Brasil para estudar lá e voltavam para suas cidades e estados de origem, a Libras começou a se propagar entre os surdos de todo o país.

A Libras teve o seu reconhecimento como meio de comunicação oficial da comunidade surda pela lei 10.436 em 2002. Esta lei tornou-se assim um marco na história da comunidade surda brasileira, pois proporcionou ali a garantia de direitos linguísticos, foi a partir da lei que cursos profissionalizantes puderam ser criados para formar profissionais a fim de atuar em meios sociais aos quais circulam os sujeitos surdos, fazendo com que as informações sejam repassadas na sua língua natural.

A promulgação da Lei da Libras (Lei nº 10.436/02) e do Decreto que a regulamenta (Decreto nº. 5.626/05) trouxe assim mudanças sociais em relação à inclusão dos surdos na sociedade, e respeito a sua língua. A lei e o decreto proporcionaram assim que a sociedade em geral conhecesse a Libras e a pessoa surda e cada vez mais há um afastamento da visão da surdez como falta, incapacidade ou doença. Para Brito (1995),

A língua de sinais é adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com as pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito (BRITO, 1995, p.27)

Como língua natural do povo surdo a Libras deve ser difundida nos mais variados espaços e as pessoas ouvintes devem aprender, pois é através da língua

de sinais que os surdos terão acesso às informações ao seu redor e isto é um direito garantido por lei.

CAMINHOS PARA A PROFISSÃO DO TRADUTOR-INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Para entendermos o que é tradução e interpretação precisamos nos munir do que é hoje pesquisado e difundido sobre estes dois termos, trouxemos aqui então alguns entendimentos atribuídos aos termos. Martins (2016) apresenta a diferença entre tradução e interpretação da seguinte forma:

O trabalho do intérprete envolve escolhas rápidas, pois a interpretação ocorre "ao vivo", não havendo tempo para refação do enunciado posto, espera-se uma agilidade deste profissional para as escolhas lexicais durante a atividade; já na tradução a atividade ocorre com tempo para estudo do texto a ser reconfigurado em outra língua. Há recursividade e há um produto final a ser entregue

Entendemos então neste estudo que a tradução é mediada pela escrita a interpretação envolve línguas faladas (quer orais ou de sinais). A tradução diferencia-se da interpretação no sentido de não ocorrer no mesmo instante da ação entre interlocutores, mas conforme Pagura (2003) a tradução e a interpretação estão interligadas ao conduzir um discurso de uma dada língua à outra. No contexto educacional as duas formas são utilizadas frequentemente e fazem parte do dia a dia do tradutor intérprete de Libras tanto nas escolas quanto nas universidades que é o campo desta pesquisa.

Para entendermos o papel e a importância do tradutor intérprete de Libras precisamos contextualizar seu percurso histórico, abordaremos aqui o assunto conscientes de que a história do tradutor intérprete de Libras se confunde e está entrelaçada com a história dos surdos e das línguas de sinais em todo o mundo, no entanto nos ateremos ao percurso histórico no Brasil por considerarmos a influência do contexto brasileiro o impulso norteador para a formação dos tradutores intérpretes de Libras.

Foi na década de 80 que começaram a notar a presença de intérpretes de língua de sinais em trabalhos voluntários religiosos aqui no Brasil, talvez por isso até os dias de hoje há uma tendência a se pensar o trabalho de tradutores intérpretes de

Libras como um ofício que não deve ser remunerado ou com uma má remuneração, mas este é um tema para ser discutido em outro momento.

Em 1988, realizou-se o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais organizado pela FENEIS, este encontro possibilitou, pela primeira vez, o intercâmbio entre alguns intérpretes de várias regiões do Brasil e também foi discutido sobre a ética do profissional intérprete assunto relevante tendo em vista a falta de cursos de formações na área o que causava um sentimento de algo amador quando se tratava da profissão de tradução e interpretação de Libras.

O II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, também organizado pela FENEIS, foi realizado em 1992, onde houveram discussões e votação do regimento interno do Departamento Nacional de Intérpretes, entre 1993 a 1994, realizaram-se alguns encontros estaduais.

A partir dos anos 90, foram estabelecidas unidades de intérpretes ligadas aos escritórios regionais da FENEIS. Em 2002, a FENEIS sedia escritórios em alguns estados Brasileiros como São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Teófilo Otoni, Brasília e Recife, além da matriz no Rio de Janeiro.

No dia 24 de abril de 2002, foi homologada a lei federal reconhecendo a língua brasileira de sinais como língua oficial das comunidades surdas brasileiras. Esta lei foi um marco na história dos surdos pois representou a concretização de toda uma luta dos movimentos surdos em prol da garantia do direito a acessibilidade linguística, além disso, também significou um passo fundamental para o reconhecimento e formação do profissional intérprete Libras e a abertura no mercado de trabalho formal para estes profissionais.

Em 2004 o MEC lançou uma publicação intitulada: "O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa" como parte do Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. O programa surgiu com o objetivo de apoiar e incentivar a profissionalização de professores para o exercício da tradução e interpretação de Libras nos espaços escolares e com isso fazer com que a escola e a sociedade passem a compreender o surdo e suas especificidades enquanto sujeitos de direito. A publicação foi um marco para o início da profissionalização e compreensão do que é o profissional tradutor intérprete de Libras, sobretudo seu papel dentro do contexto educacional. MEC (2004, p. 5) afirma:

Estabelecido legalmente o direito de o aluno surdo ter acesso aos conteúdos curriculares por meio da utilização da língua brasileira de sinais e/ou por intermediação de professores intérpretes, o MEC/SEESP, em

parceria com a FENEIS, está colocando este material à disposição das Secretarias de Educação, para que possam ser organizados cursos de capacitação dos professores.

Em 2005 o Decreto 5.626/2005 trouxe de forma mais detalhada e efetiva como a Libras deve ser tratada e também torna obrigatória a disciplina de Libras nos cursos de formação de professores e fonoaudiologia levando assim a Libras para o ensino superior, desta forma as instituições de ensino superior deveriam garantir a acessibilidade linguística dos sujeitos surdos através de tradutores intérpretes de Libras quando diz que:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2002, p. 1).

Em 2010 foi regulamentada a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais com a Lei nº 12.319, de 10 de setembro de 2010. Esta lei foi muito importante para que tanto os intérpretes como os próprios surdos tivessem um pouco mais de clareza sobre a profissão, pois nela consta quem é o tradutor intérprete de Libras, quais são suas atribuições e competências. Mesmo com a lei nº 12.319 entrando em vigor, algumas lacunas ainda estavam abertas quanto à atuação do intérprete de Libras, como por exemplo: carga horária, que deveria ser exercida a profissão e também o trabalho de revezamento.

No dia 26 de outubro de 2023 foi sancionada a nova lei do intérprete, lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023, o texto altera a lei Lei 12.319, de 2010 incluindo a função do guia-intérprete, profissional que domina, no mínimo, uma das formas de comunicação utilizadas pelas pessoas surdocegas. Entre outros dispositivos, o projeto detalha as funções de cada profissional citado e desta vez inclui jornada de seis horas diárias e trinta horas semanais de trabalho. A lei também determina o trabalho com revezamento caso o período seja superior a uma hora de duração.

Todo o percurso histórico até aqui mostra como esta profissão vem evoluindo e ganhando espaço no decorrer do tempo. O que antes era visto como uma sub-profissão, hoje cada vez mais a sociedade tem se atentado para a importância da valorização do profissional tradutor intérprete de Libras em diversos contextos sociais.

(AUTO)BIOGRAFIA DE TRADUTORES-INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DA UFRS CAMPUS CARAÚBAS-RN

O método (auto)biográfico enaltece as vozes dos sujeitos que, no caso desta pesquisa, estão envolvidos no ato interpretativo do campo pedagógico entre sujeitos surdos e ouvintes. As vozes dos tradutores intérpretes de Libras no decorrer de sua história como citado neste artigo, muitas vezes, são esquecidas por diversos contextos ou situações do cotidiano principalmente escolar e universitário. Bueno (1998, p. 29), reflete que “o prazer de narrar-se favorece a construção da memória pessoal e coletiva, inserindo o indivíduo nas histórias e permitindo-lhe, a partir destas tentativas, compreender e atuar”. Para Nóvoa e Finger (1988, p. 116),

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’.

Entendendo, portanto, que a formação é um trabalho de reflexão sobre a trajetória vivida podemos, a partir disso analisar o percurso de formação e (auto) formação dos tradutores intérpretes de Libras da Ufersa do campus Caraúbas do estado do Rio Grande do Norte (RN). A profissionalização do tradutor intérprete de Libras têm sofrido modificações importantes, podemos perceber questões, a lei Nº 12.319/2010 e a lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023, o salário e a formação inicial e a continuada devem ser estudados e discutidos.

Refletir sobre a formação e (auto)formação é bastante relevante para a melhoria da qualidade educacional e também para a construção da identidade dos tradutores intérpretes de Libras, é por meio da dinamicidade entre os sujeitos que ocorre a formação e a (auto)formação. Para Josso (2010, p. 61):

A palavra formação apresenta uma dificuldade semântica, pois designa tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado. Designando o nosso objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação, indicávamos mais claramente que nos interessávamos pela compreensão da atividade. Todavia, mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se.

Ao narrar suas histórias de vida, os tradutores intérpretes de Libras podem assim fazer uma análise de fatos e experiências do passado e também do presente como forma de reflexão e assim poderão (re)criar possibilidades futuras, tanto no âmbito pessoal, como no âmbito profissional.

Ao pensar esta pesquisa a partir das análises das narrativas auto biográficas de tradutores intérpretes buscamos aqui fugir dos textos padronizados e das perguntas fechadas e do desprendimento do que é certo ou errado, mas deixamos que os próprios intérpretes contassem suas histórias de vida e formação.

Optamos neste estudo pela escrita das histórias de vida, pois consideramos que desde a antiguidade a escrita desempenha uma função importante na busca do indivíduo pelo autoconhecimento ou como forma de conduzir a própria vida numa perspectiva única e pessoal.

Em todo caso, seja qual for o ciclo de exercício em que ela ocorre, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende a toda a askêsis: ou seja, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento de treinamento de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: ela é a operadora da transformação da verdade em ethos (Foucault 2004, p.144)

Compreender a própria história e transformar a realidade é fundamental para que cada ser humano encontre seu lugar no mundo, no caso dos tradutores intérpretes de Libras seu lugar está entre dois mundos: o do ouvinte e o do surdo, compreender estes dois mundo é essencial para uma boa prática interpretativa. A seguir faremos a análise dos relatos de vida e autoformação de quatro tradutores intérpretes de Libras da Ufersa - Caraúbas.

A primeira vez que ouvi sobre pessoas surdas foi quando tinha 11 anos e estudava a 4º série em uma escola particular chamada Educandário Santo Antônio na cidade de Bayeux-PB, naquele dia lembro como hoje a professora falando que trabalhava em outra escola e lecionava para alunos surdos (INTÉRPRETE 1)

A Língua Brasileira de Sinais entrou na minha vida de forma sorrateira, nunca havia pensado em me tornar um profissional da área, na década de 80, quando eu tinha por volta de 7 pra 8 anos uma das minhas tias cursou o que na época chamava de "linguagem de sinais" e para que ela pudesse praticar nos ensinou a mim e uma prima o alfabeto manual, (INTÉRPRETE 2)

Meu primeiro contato com Libras foi quando participei de uma oficina de Libras promovido pelas Testemunhas de Jeová, eu tinha uns 16 anos de idade e na época

estavam precisando de evangelizadores para ensinar tanto a Libras quanto a bíblia para os surdos em Fortaleza-CE (Intérprete 3)

Vimos aqui que o período de contato com a Libras e com os surdos se deu na infância ou adolescência destes tradutores intérpretes (2008, p. 78) afirma: “[...] o ser em formação só se torna sujeito no momento em que a sua intencionalidade é explicitada no ato de aprender e em que é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo e para orientá-lo.” O primeiro momento de contato com a Libras para alguns foi intencional ou por curiosidade, ainda não tinham em si a intenção de se formar para futuramente ser um profissional tradutor intérprete de Libras.

Desde criança fui envolvido em questões religiosas, mas foi aos 11 anos em que me deparei com pessoas surdas no mesmo ambiente religioso que eu, no período de dez anos me dispus voluntariamente a participar do grupo em que as pessoas surdas faziam parte na igreja, foi no ambiente religioso em que começou o meu primeiro contato com a Libras e o estopim na minha carreira profissional. (INTÉRPRETE 1)

Sou Testemunha de Jeová desde criança e nessa época ganhei de presente um livro com fotos dos sinais em Libras, porém não tinha com quem pôr em prática o que aprendia no livro (INTÉRPRETE 2)

Como Testemunha de Jeová fui convidada a participar de um grupo de evangelizadores em Língua Brasileira de Sinais, passei então a frequentar as reuniões em Libras onde os surdos participaram e aprendi muito com eles. Na época tinha uns DVDs de traduções em Libras de algumas publicações que eu já havia lido em português isso facilitou meu aprendizado. (INTÉRPRETE 3)

Observamos aqui nestes relatos que a história de vida dos tradutores intérpretes foram semelhantes no que diz respeito ao início de sua (auto)formação. Como na época em que começaram a aprender Libras não existia cursos técnicos ou superiores, o campo de aprendizagem foi o religioso, assim como encontramos no livro O Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, na Suécia em trabalhos religiosos por volta do final do século XIX (Suécia, 1875). Nos Estados Unidos pessoas intermediavam a comunicação para surdos, entre elas os religiosos como voluntários. No Brasil a presença de intérpretes de língua de sinais em trabalhos religiosos teve início por volta dos anos 80. (BRASIL, MEC 2014, p.13,14)

Onde eu morava, existia uma escassez de tradutores intérpretes e de formação continuada para esses profissionais no âmbito da educação, todavia, aceitei a

proposta e comecei a interpretar para treze alunos surdos dentre eles meninos e meninas que estavam matriculados na antiga 6ª série do ensino fundamental numa sala regular inclusiva onde conviviam surdos e ouvintes, a partir de então a minha vida profissional com tradutor intérprete de Libras tinha começado. (INTÉRPRETE 1)

Depois de muitos anos nos casamos e resolvemos estudar de modo mais sério a Língua de Sinais Brasileira, fizemos os cursos básicos juntos e com apoio mútuo nós desenvolvemos uma certa fluência básica. Nos anos 2000 enquanto morávamos na cidade de Itaitinga surgiu para ela a oportunidade de atuar como intérprete numa escola regular. Esse foi um dos maiores desafios para nós, pois ainda não tínhamos a experiência e nem os estudos da tradução e interpretação, em alguns dias passei a substituí-la na escola, ganhando então um pouco de experiência. (INTÉRPRETE 2)

Busquei conhecimento para me tornar profissional. Fiz os cursos básicos e com pouco tempo já estava atuando como intérprete em uma escola pois na cidade em que eu morava não havia ninguém além de mim que sabia Libras e a necessidade de profissional era muito grande. Posteriormente eu fiz o curso de Tradução e interpretação de Libras. (INTÉRPRETE 3)

Conforme o livro ***O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*** (MEC, 2004, p. 8):

Intérpretes de língua de sinais em todo o mundo tiveram suas histórias em comum, a constituição desses profissionais se deu a partir de atividades voluntárias. Com o tempo essas atividades foram sendo valorizadas enquanto atividades laborais, à medida que os surdos conquistavam o exercício de cidadania.

Nos relatos observamos que depois do trabalho voluntário que fizeram no campo religioso os tradutores intérpretes viram a necessidade de se profissionalizar procurando assim cursos e também através de suas experiência na própria atuação puderam se (auto)formar.

Assim como Josso (2004 p. 143) afirma:

A experiência pode tornar-se em tal a posteriori de um acontecimento, de uma situação, de uma interação; é o trabalho de reflexão sobre o que se passou; mas uma atividade qualquer é também experiência desde que o sujeito se conceda os meios de observar, no decorrer da atividade, o que se passa e reflita sobre o que esta observação lhe traz como informação sobre a atividade empreendida. Em outras palavras, uma experiência é uma ação refletida a priori ou a posteriori.

A falta de cursos na área mas o conhecimento que adquiriram por fazer parte da comunidade surda os fizeram intérpretes mesmo antes que eles soubessem que caminho poderiam trilhar para a profissionalização.

Foi na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luciano Ribeiro de Moraes, na cidade de Bayeux - PB, no período de 2005 - 2011, que comecei a desenvolver um nível maior de experiência na área da tradução e interpretação no ambiente educacional. Diferente da escola anterior, nessa nova instituição pude perpassar por todas as salas desde o 6° ao 9°, com isso, diante dessa nova realidade pude estar imerso nos componentes curriculares e aprender mais sobre o papel do professor e a atuação do tradutor intérprete de Libras em sala de aula. (INTÉRPRETE 1)

Surgiu uma formação de tradutores intérpretes na Associação dos Tradutores Intérpretes de Libras... chegamos ao final do curso aprovados, passamos então a procurar trabalhos nessa área, no meu caso iniciei pela prefeitura municipal de Caucaia em um projeto intitulado ProJovem, fiquei nesse projeto quase 02 (dois) anos até ir trabalhar na mesma instituição que minha esposa estava de nome Centro de Referência Especializado em Atendimento do Estado do Ceará (CREAECE) (INTÉRPRETE 2)

Fiz um curso de formação para tradutores intérpretes de Libras junto com meu esposo, passamos assim a nos aprofundar mais na Libras e também a aplicar o que tínhamos aprendido no nosso trabalho, as portas foram se abrindo cada vez mais ao passo que adquirimos mais conhecimento na área.(INTÉRPRETE 3)

Conforme Santos (2010, p.158), “a formação profissional é um fato que sem dúvida fornece subsídios para a atuação do tradutor/intérprete, e que legitima a sua prática, assim como qualquer profissão.” Com o passar do tempo, os tradutores intérpretes de Libras buscaram a profissionalização através de cursos voltados para a área, legitimando assim sua atuação profissional.

Não demorou muito, no mês de Abril de 2017, ingressei como servidor efetivo no cargo Tradutor Intérprete de Libras/Português na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. Como tradutor Intérprete dessa instituição de Ensino Superior comecei a desenvolver novas tipos experiências profissionais como trabalhar em dupla ou grupo, com revezamento, interpretar nas Licenciaturas, Pós-Graduações e assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. (INTÉRPRETE 1)

Passados alguns anos, fiz um processo seletivo no ano de 2015 no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) no Campus de Macau onde atuei como intérprete durante um ano, depois passei em concurso efetivo na Universidade Federal do Piauí e após um ano de trabalho na UFPI fiz uma remoção para a

Universidade Federal Rural do Semi-Árido-Ufersa onde atuo até o presente momento. (INTÉRPRETE 2)

Passei no concurso para o cargo de tradutora intérprete de Libras no ano de 2015 na Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA onde tenho o privilégio de atuar com professores e alunos surdos ao lado do meu esposo que também é intérprete de Libras. (INTÉRPRETE 3)

A entrada como profissionais tradutores intérpretes de Libras no ensino superior na Universidade Federal Rural do Semi-Árido foi então um marco na história de vida dos três intérpretes, novos desafios e aprendizagens foram traçados a partir de então. A formação e a autoformação constante no percurso de ser e se tornar intérprete é sem dúvidas algo que faz parte do dia a dia destes profissionais. Como nos mostra Nascimento (2016):

A formação e a atuação de tradutores e de intérpretes de Libras em diversas esferas, mas sobretudo nas educacionais, mobiliza uma gestão do plurilinguismo in locus, já que a entrada dos surdos no ensino superior, para citar um exemplo, em diferentes campos do conhecimento impulsiona a criação de um novo corpo léxico para esta língua ligado a estes novos campos do saber.

Sem dúvidas a experiência no ensino superior promove um plurilinguismo que enriquece a formação do sujeito tradutor intérprete de Libras. As narrativas aqui apresentadas mostram que o percurso trilhado não foi fácil mas foi recompensador, mostra também como as vidas dos sujeitos se entrelaçam, conforme Carvalho Sousa (2018, p.48):

A vida de cada um traz um sentimento, um significado, um pertencimento muito grande. Nenhum de nós está só no mundo, nenhum de nós tem a vida solta do outro, não estamos descontextualizados. O método (auto) biográfico mostra a todos, que nós estamos em constante sintonia; na vida, fazemos parte de um coletivo.

Com o método (auto)biográfico os intérpretes de Libras puderam pensar sua própria prática, reconhecendo-se como sujeito atuante e responsável por ela, e encontraram assim possibilidades de se aperfeiçoar, (CARVALHO SOUSA, 2018)

CONSIDERAÇÕES

O objetivo do artigo foi analisar como ocorrem os processos (auto)formativos do ser e tornar-se tradutor-intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) no campus, localizado no município de Caraúbas, pertencente ao estado do Rio Grande do Norte, assim acreditamos que alcançamos esse objetivo, pois escrever sobre si mesmo é uma tarefa muito importante e útil no percurso de ser e tornar-se intérprete, já que se trata não somente da escrita, mas também de uma repensar sobre si mesmo.

Os cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras privilegiam algumas metodologias de tradução e interpretação e espera-se que ao final o profissional agora formado aplique estas metodologias ou técnicas de interpretação e que dê certo em todos os contextos e situações, mas há sempre uma certa insatisfação para os profissionais que muitas vezes sentem que a prática é diferente da teoria.

Não se tem uma receita pronta e acabada para a formação do tradutor intérprete de Libras, pois há conhecimentos que só poderão ser adquiridos na prática, é fundamental que as experiências de vida e formação dos tradutores intérpretes de Libras sejam valorizadas e colocadas em um lugar de pertencimento. É preciso que pensemos em nossa própria formação para depois pensar na formação do outro, e que outro é este? De que contexto ele veio, qual sua luta? Como se tornou intérprete? Estas questões devem aparecer quando falamos de formação de tradutores intérpretes de Libras.

Estas questões devem ser levantadas e discutidas por todos que fazem parte do processo de no contexto educacional. Podemos observar nas narrativas que antes da formação institucionalizada houve e ainda há a (auto)formação, sendo possível identificar pontos de contato entre as histórias de cada um dos entrevistados. Assim, a narrativa (auto)constituiu o ponto de reflexão sobre ser e tornar-se intérprete.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília : MEC; SEESP, p. 94, 2004.

_____. **Lei nº 10.436.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2002.

_____. **Decreto nº 5.626.** Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 22 dez. 2005.

_____. **Lei nº 12.319.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 01 set. 2010.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

CARVALHO SOUSA, G.P. **Lugares, trajetos e desafios: processos de formação de uma professora de discentes surdos no ensino superior.** Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. UERN. 2018.

_____. **Lei nº 14.704.** Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Diário Oficial da União, Brasília, 27 out. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si.** In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992. pp. 129-160.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola, 2009

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010. MARTINS, D. A. Trajetórias de formação e condição de trabalho do intérprete de libras em instituições de educação superior. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica, Campinas. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190438> Acesso em: 17/11/2023

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa.** 2016. 318f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Estudos PósGraduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

PAGURA, R. **A Interpretação De Conferências: Interfaces Com A Tradução Escrita E Implicações Para A Formação De Intérpretes E Tradutores.** In:Delta. N°19, ed. Especial, 2003.Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38354> Acesso em: 17/11/2023

SANTOS, S. A. **Intérpretes de língua de sinais: Um estudo sobre as identidades.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2006.